

**PROPOSTA DE TRABALHAR A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA
DA LÍNGUA PORTUGUESA EM MÚSICAS DAS
CINCO REGIÕES DO BRASIL**

Darlan Machado Dorneles (UFAC)

darlan.d@uninter.com

Lindinalva Messias do Nascimento Chaves (UFAC)

lindinalvamessias@yahoo.com.br

RESUMO

O presente estudo apresenta uma proposta didática para trabalhar, no 9º ano do ensino fundamental, a variação linguística do português brasileiro. Serão utilizadas como material músicas oriundas das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil e cartas (mapas) fonéticas e lexicais, as primeiras componentes do acervo do *Atlas Fonético do Acre* (ALiAC) e as segundas do acervo do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB). O objetivo é fazer os alunos reconhecerem e valorizarem a variação linguística existente em todo o território nacional. Propõem-se sete aulas expositivas, interativas e reflexivas nesta proposta. Na primeira faz-se a explicação, exemplificação e discussão de variação linguística; na segunda, apresentam-se as especificidades do gênero textual música; na terceira, trabalham-se duas músicas da região Norte (“Seringueiro”, de Tião Natureza e “Legado do Seringueiro”, de Demétrius Haidos e Geandro Pantoja); na quarta, duas músicas da região Nordeste (“Asa Branca” e “ABC do Sertão”, de Luiz Gonzaga); na quinta, duas músicas da região Centro-Oeste (“Chico Mineiro” e “Beijinho Doce” de Tonico e Tinoco); na sexta, duas músicas da região Sudeste (“Saudosa Maloca”, de Adorinan Barbosa e “Inútil”, de Roger Moreira); na sétima, duas músicas da região Sul (“Querência Amada” e “É Disso que o Velho Gosta”, de Gaúcho da Fronteira). Na terceira, quarta, quinta, sexta e sétima aulas, apresentam-se os textos das músicas, efetua-se leitura dos textos, faz-se audição da música. Em seguida, os alunos cantam e realizam a análise linguística do texto que consiste, basicamente, no reconhecimento do vocabulário regional. Na oitava aula, trabalha-se uma forma de representação e de sistematização dessa variação linguística, as cartas fonéticas e as cartas lexicais em atlas linguísticos. Para a atividade avaliativa, solicita-se a formação de grupos que deverão: a) fazer sua própria coletânea de músicas e apresentá-la na sala, destacando a variedade regional presente nos textos e comparando-a a outras regiões do país; b) elaborar de forma manual e simples cartas fonéticas e lexicais representativas da variação constante nos textos que escolheram.

Palavras-chave:

Música. Cartas fonéticas e lexicais. Variação linguística. Língua portuguesa.

1. Introdução

Neste estudo, trabalho final da disciplina “Tópicos especiais III: música, identidade, representações e poder” do curso de mestrado em letras: linguagem e identidade da Universidade Federal do Acre (UFAC), apresentamos uma proposta didática para trabalhar, no 9º ano do ensino fundamental, a variação linguística a partir de músicas das cinco regiões do Brasil. O

objetivo principal é fazer com que os alunos percebam a grande diversidade da língua portuguesa, reconhecendo e valorizando a diferença linguística que está relacionada às questões históricas, geográficas, sociais, regionais e culturais no país. Como material didático, optamos por trabalhar com textos de músicas de cada região brasileira e com cartas, fonéticas e lexicais, produzidas por Lindinalva Messias do Nascimento Chaves e Darlan Machado Dorneles (2017), no primeiro caso, e por Suzana Alice Marcelino Cardoso e outros (2014), no segundo.

Buscamos neste trabalho responder à seguinte questão: a) Como o professor de língua portuguesa pode desenvolver uma aula mais interativa e reflexiva utilizando o gênero textual música para ensinar a variação linguística? b) Como utilizar os resultados de pesquisas dialetológicas, do âmbito acadêmico, como instrumento de aprendizagem, no tocante ao tema em destaque?

O presente estudo está, no que diz respeito à estrutura, organizado da seguinte forma: 1) Introdução; 2) Variação linguística e processo de ensino-aprendizagem; 3) Gênero musical; 4) Cartas fonéticas e cartas lexicais; 5) Sequência didática; 6) Considerações finais e 7) Referência utilizadas para a elaboração da proposta.

2. Variação linguística e processo de ensino-aprendizagem

A variação linguística, em conformidade com os *Parâmetros Curriculares do Ensino de Língua Portuguesa* (BRASIL, 1998, p. 29), pode ser entendida como um elemento presente em todas as línguas da espécie humana. Em outras palavras, a variação linguística, fenômeno geral e universal (MOLLICA, 2004, p. 10), “[...] sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa” (BRASIL, 1998, p. 29). Desse modo, quando se fala ou se escreve em português do Brasil, utiliza-se uma língua que, devido às diversas questões históricas, geográficas, sociais e culturais que perpassam o território brasileiro, possui uma gama de variedades que pode ser percebida de Norte a Sul. (BRASIL, 1998, p. 29). Nesse sentido, consta nos *Parâmetros Curriculares do Ensino de Língua Portuguesa* que:

[...] embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. (BRASIL, 1998, p. 29)

De fato, podemos destacar que a língua portuguesa falada no Brasil é a mesma, porém, com diversas variações nos âmbitos fonético, semântico-lexical e sintático. Essas variações podem ser percebidas no cotidiano da vida. No entanto, “o uso de uma ou outra forma de expressão depende, sobretudo, de fatores geográficos, socioeconômicos, de faixa etária, de gênero (sexo), da relação estabelecida entre os falantes e do contexto de fala”. (BRASIL, 1998, p. 29). Por outro lado, cabe frisar que essa diversidade linguística desconhecida e vista a partir da classificação “certo e errado” por grande parte da sociedade, acaba fazendo com que:

A discriminação de algumas variedades linguísticas, tratadas de modo preconceituoso e anticientífico, expressa os próprios conflitos existentes no interior da sociedade. Por isso mesmo, o preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia. É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. Para isso, o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de língua portuguesa. (BRASIL, 1998, p. 82)

O preconceito linguístico, atitude desrespeitosa e que desconsidera a formação histórica e cultural do país, existe e está presente na sociedade brasileira. Compete à escola e, mais precisamente, ao professor de língua portuguesa transmitir e ensinar “[...] aos seus alunos o processo de variação linguística para que eles valorizem a sua própria língua e tornem-se pessoas cada vez mais críticas, mais participativas e atuantes, política e socialmente” (SANTOS SOBRINHA; MESQUITA FILHO, 2011, p. 4). O professor deve considerar que:

[...] para que o ensino de língua materna não se concentre apenas nas regras rígidas da gramática normativa é preciso que o professor compreenda que o ensino de Língua Portuguesa só será efetuado com sucesso quando a escola estimular a capacidade cognitiva e linguística do aluno através da sua competência oral e escrita e quando entender e transmitir para os discentes que a língua é viva e sua dinamicidade é consequência das sucessivas transformações ocorridas ao longo do tempo. (SANTOS SOBRINHA; MESQUITA FILHO, 2011, p. 9).

São vastas as possibilidades de desenvolver um processo de ensino-aprendizagem partindo da realidade do aluno, tendo o texto como base e, como exigido pelos *Parâmetros Curriculares do Ensino de Língua Portuguesa* (BRASIL, 1998), trazendo para sala de aula práticas de leitura, interpretação e escrita dos mais diversificados gêneros textuais. Portanto, “a escola é, por excelência, o *locus* – ou espaço em que os educandos vão adquirir, de forma sistemática, recursos comunicativos que lhes permitam desem-

penhar-se competentemente nas práticas sociais especializadas” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 75).

3. Gênero textual música

A música pode ser entendida como o uso “do som e do silêncio” (TAVARES; CIT, 2013, p. 17) pela espécie humana. Ela, além de trazer o lúdico para a sala de aula, possui uma gama de “elementos textuais, sociológicos e ideológicos” (JANOTTI JR, 2006, p. 40) que podem ser trabalhados, levando-se ainda em consideração “aspectos ligados ao campo da produção às estratégias de leitura inscritas nos produtos midiáticos” (JANOTTI JR, 2006, p. 40) no Brasil. Dessa forma, “a música é um gênero textual por possuir todas as características e fatores de textualidade de um texto” (SILVA; BORGES, 2013, p. 57), bem como “[...] é provida de sentido e deve ser inserida no ensino de língua portuguesa no que diz respeito à produção e interpretação textual, mostrando sua funcionalidade linguística e a diversidade textual” (SILVA; BORGES, 2013, p. 57) existente na sociedade humana.

Em outras palavras, Jéssica Carneiro da Silva e Carla Luiza Carneiro Borges (2013), referindo-se ao gênero textual música, afirmam que:

[...] a música deve ser considerada como um gênero textual e se deve levar em conta seu aspecto híbrido, a letra e a melodia; não somente fazer uma leitura do seu caráter verbal, mas procurar analisá-la a partir da interrelação dos seus meios de produção, a partir da sua característica lítero-musical. Sendo assim, é importante trabalhá-la como um gênero textual dentro da sala de aula, isto é, é preciso reconhecer a música como um gênero textual autônomo, pois além da música possuir todos os elementos necessários para um estudo de análise textual, ela também é um acervo de identidade nacional e se refere muito à história sociocultural do nosso país. (SILVA; BORGES, 2013, p. 57-58)

Realmente, como colocado por Jéssica Carneiro da Silva e Carla Luiza Carneiro Borges (2013, p. 57-8), a música por possuir elementos textuais que possibilitam a atribuição de vastos sentidos, é um gênero textual por excelência. Sendo assim, levar a música para trabalhar a diversidade linguística na disciplina de língua portuguesa traz à baila a possibilidade de diferentes atividades de incentivar a leitura com uma infinidade de interpretações e de aprimorar a produção escrita, bem como está se permitindo o acesso à história, à identidade e à cultura nacional. O homem sempre necessitou da arte, a música sempre existiu para revelar a capacidade de se expressar a partir das palavras, tocar o mais profundo e, no caso do processo de ensino-aprendizagem formal da escola, trabalhar com música é levar o lúdico para crianças, adolescentes e adultos em sala de aula (TAVARES;

CIT, 2013, p. 38). Sobre a possibilidade de levar a música para o processo de ensino-aprendizagem, Graça Boal Palheiros e Luís Bourscheidt (2012, p. 307) acreditam que “a música deve ser vivida de maneira ativa, criativa e em comunidade, respeitando o universo infantil e os valores humanos, e desenvolvendo o sentido estético da criança”. Levar a música para sala de aula, seja qual for o conteúdo a ser trabalhado no processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, é uma tentativa de promover um ensino mais interativo, reflexivo e eficaz na escola.

4. *Cartas fonéticas e cartas lexicais*

Os Atlas Linguísticos são o conjunto de cartas ou mapas que documentam a variação linguística de um país, região ou local. As cartas fonéticas registram a variação na pronúncia e as cartas léxicas as variações do léxico do local em que se desenvolveu a pesquisa. As duas cartas fonéticas do *Atlas Fonético do Acre* (AFAc), ainda em construção por Lindinalva Messias do Nascimento Chaves e Darlan Machado Dorneles (2017) e disponibilizadas a seguir, são exemplos da variação linguística na fala acriana.

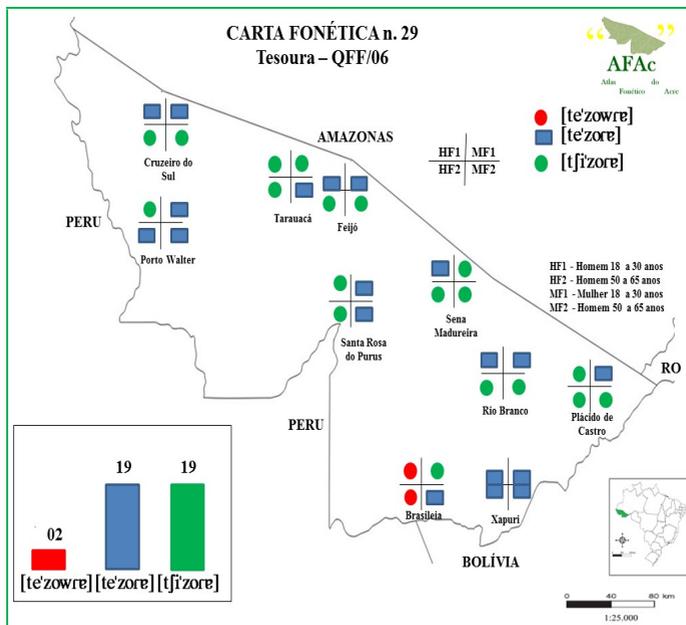


Figura 1: Carta Fonética – “Tesoura” – AFAc. Fonte: Chaves; Dorneles (2017).

vra “pernilongo” em todas as cinco regiões do território nacional.

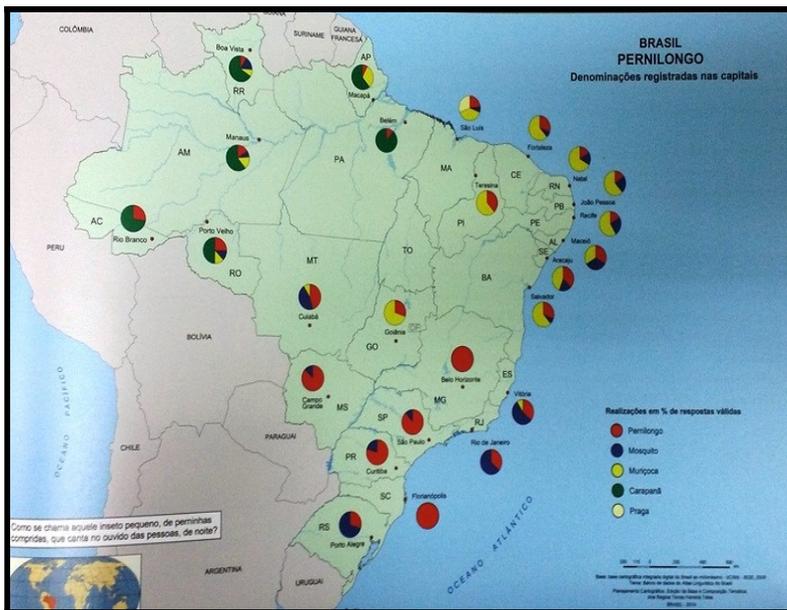


Figura 3: Carta Léxica – “Pernilongo” – ALiB. Fonte: Cardoso *et al.* (2014).

São diversas as formas de denominação do inseto comumente chamado de “pernilongo” no Brasil. Ele pode ser chamado de “pernilongo”, “mosquito”, “muriçoca”, “carapanã” ou “praga”.

A carta léxica da figura 4 traz a variação lexical da palavra “tangerina” por falantes das mais variadas localidades do Brasil.

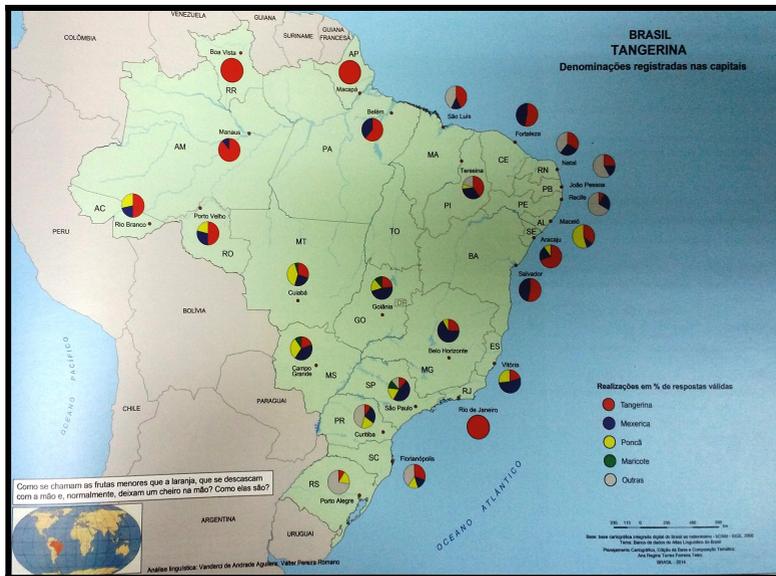


Figura 4: Carta Léxica – Tangerina – ALiB. Fonte: Cardoso et al. (2014).

A denominação para a fruta “tangerina” é diversa em nosso país. Ela, dependendo da região ou mesmo da cultura, é denominada como “tangerina”, “mexericina”, “poncã”, “maricote”, entre outros.

5. Sequência didática

São sete aulas propostas para os alunos do 9º ano do ensino fundamental. O objetivo é trabalhar a diversidade linguística por meio de dois instrumentos didático-pedagógicos, a saber: a) Músicas das regiões Norte (“Seringueiro”, de Tião Natureza e “Legado do Seringueiro”, de Demétrius Haidos e Geandro Pantoja), Nordeste (“Asa Branca” e “ABC do Sertão”, de Luiz Gonzaga), Centro-Oeste (“Chico Mineiro” e “Beijinho Doce”, de Tonico e Tinoco), Sudeste (“Saudosa Maloca”, de Adoniram Barbosa e “Inútil”, de Roger Moreira) e Sul (“Querência Amada” e “É Disso que o Velho Gosta”, de Gaúcho da Fronteira); b) Cartas (mapas) fonéticas e lexicais, produzidas, no primeiro caso, por Lindinalva Messias do Nascimento Chaves e Darlan Machado Dorneles (2017) e, no segundo, pela equipe do *Atlas Linguístico do Brasil*. (CARDOSO et al., 2014)

Antes de trabalhar as músicas de cada região do Brasil, exemplos vivos da imensa diversidade linguística do país, o professor, na primeira aula,

explica e exemplifica a variação linguística da língua portuguesa brasileira. O professor, partindo dos conhecimentos prévios dos alunos, pergunta:

- a) O que é variação linguística?
- b) A língua portuguesa falada em todo o Brasil é a mesma?
- c) A língua portuguesa apresenta diferenças na pronúncia ou na denominação de algumas coisas?
- d) Vocês já perceberam essa diferença conversando com alguém no cotidiano?

Feito isso, em seguida, explica-se que a variação linguística está presente em todas as línguas, que a língua no Brasil falada é a mesma, porém, com diversas variações, sejam de cunho fonético, semântico-lexical, sintático.

Na segunda aula trabalham-se as especificidades do gênero textual música. O professor, ainda partindo dos conhecimentos prévios dos alunos, formula as seguintes questões:

- a) O que é a música?
- b) Para que serve a música?
- c) A música tem a capacidade de retratar a realidade linguística de determinado local?

A partir das perguntas e respostas, estabelece-se uma discussão a respeito dos conceitos de música, sendo possível trazer à baila sua importância na vida do ser humano, por estar presente nas mais diversas situações, por despertar sensações e sentimentos e por retratar, lançando-se mão das palavras das duas autoras, a realidade linguística, histórica, assim como a cultural, de uma localidade.

Dando continuidade ao trabalho, para desenvolver as aulas 3, 4, 5, 6 e 7, o professor

- a) Apresenta o nome, autor e contextualização da música;
- b) Faz os alunos lerem o texto da música, primeiramente em silêncio, depois em voz alta;
- c) Faz a audição da música;
- d) Faz os alunos cantarem a música;
- e) Faz a análise linguística considerando os aspectos fonéticos e lexicais.

Na terceira aula trabalha-se a variação linguística nas músicas “Seringueiro”, de Tião Natureza e “Legado de Seringueiro”, de Demétrius Haidos e Geandro Pantoja que representam a região Norte do Brasil.

MÚSICA 1 SERINGUEIRO	MÚSICA 2: LEGADO DE SERINGUEIRO
Tião Natureza	Demétrius Haidos
Ecoou pela mata afora	Geandro Pantoja
Cai a flor e a seringueira chora	Vem cantar, amo do boi
De Xapuri	Trovador e cancionero
Chora o mundo inteiro	Vem versar sobre a história de um povo
Morre o Chico, o Chico-Rei	[seringueiro]
Mas essa mata que mata esse povo	Nordestino sertanejo
[infeliz]	Que migrou para a Amazônia
Um dia há de fazer o Chico-Rei	Foi soldado da borracha
Seringueiro feliz	Guiado por luz de poronga
Mas essa mata que mata esse povo	Entalhou, desbravou, defumou
[infeliz]	Sustentou com suor o esplendor
Um dia há de fazer o Chico-Rei	Seu legado cultural
Seringueiro feliz	Já faz parte do meu boi
Disponível em:	Eu sou a mistura de norte e nordeste
< https://www.lettras.mus.br/forrozaobaby-som/442791/ >	Sou o auto do boi
Acesso em: 7 out. 2017.	Sou a celebração que canta o folclore
	O repente, a toada, a ladainha
	A sanfona e a viola
	Sou devoto de Nossa Senhora
	Tenho fé no coração
	A sua bênção, meu padre Cíço
	Vou brincar no folgado de São João
	Boi de reis, Pindaré, Maracanã
	Maioba, Calemba, Axixá
	Tem zabumba, pandeiro
	Orquestra e matraca no meu boi-bumbá
	Em Parintins reina meu Boi Garantido
	Em Parintins reina meu Boi Garantido
	Boi, boi, boi, boi, boi
	É o povo feliz a cantar
	A dançar dois pra lá, dois pra cá
	Na festa vermelha do meu boi-bumbá
	Boi, boi, boi, boi, boi
	É o povo feliz a brincar
	Com o amo, o boi e a sinhá
	Na miscigenação do nosso boi-bumbá
	Disponível em:
	< https://www.lettras.mus.br/garantido/legado-de-seringueiro/ > Acesso em: 7 out. 2017.

A música “Seringueiro”, de Tião Natureza, narra um pedaço da his-

tória acriana, ou seja, a luta dos “seringueiros” (homem da floresta amazônica que trabalha na extração da borracha), mais precisamente, de Chico Mendes em defesa da floresta. A música “Legado do Seringueiro”, de Demétrius Haidos e Geandro Pantoja, descreve o processo de migração do sujeito que abandona a seca do Nordeste para trabalhar na extração da borracha na região Amazônica. Além disso, “Legado do Seringueiro” traz alguns elementos do Festival Folclórico de Parintins-AM em que o boi Caprichoso de cor azul disputa com o boi garantido de cor vermelha.

Na quarta aula trabalha-se a variação linguística nas músicas “Asa Branca” e “ABC do Sertão”, de Luiz Gonzaga que representam a região Nordeste do Brasil.

MÚSICA 1: ASA BRANCA	MÚSICA 2: ABC DO SERTÃO
Luiz Gonzaga (Cantada por Humberto Teixeira)	Luiz Gonzaga (Cantada por Zé Dantas)
Quando “oiei” a terra ardendo Qual fogueira de São João Eu perguntei a Deus do céu, uai Por que tamanha judiação (bis) Que braseiro, que “fornaia” Nem um pé de “prantação” Por “farta” d’água perdi meu gado Morreu de sede meu alazão (bis) Até mesmo a asa branca Bateu asas do sertão Então eu disse adeus Rosinha Guarda contigo meu coração (bis) Hoje longe muitas léguas Numa triste solidão Espero a chuva cair de novo Para eu voltar pro meu sertão (bis) Quando o verde dos teus “óio” Se espalhar na prantação Eu te asseguro não chore não, viu Que eu voltarei, viu, meu coração	Lá no meu sertão pros caboclo lê Têm que aprender um outro ABC O jota é ji, o éle é lê O ésse é si, mas o érre Tem nome de rê Até o ypsilon lá é pissilone O eme é mê, O ene é nê, o efe é fê, o gê chama-se guê Na escola é engraçado ouvir-se tanto “ê” A, bê, cê, dê, Fê, guê, lê, mê, Nê, pê, quê, rê, Tê, vê e Zê
Disponível em: < https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/ > Acesso em: 7 out. 2017.	Disponível em: < https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/47079/ > Acesso em: 7 out. 2017.

Na música “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga consta a despalatização nas palavras “olhei”, “fornaia” e “óio” e o rotacismo fonético na palavra “prantação”. A referida música denuncia o problema da seca do Nordeste brasileiro. Na música “ABC do Sertão”, do mesmo autor da primeira, cha-

ma atenção à constatação de o alfabeto ser pronunciado de forma diferente no sertão, ou seja, “éle” é “lê”, “esse” é “si”, “erre” é “rê”, “ypsilon” é “pis-silone”, “ême” é “mê”, “êne” é “nê”, “efe” é “fê” e “gê” é “guê”, revelando um pouco da realidade linguística nordestina.

Na quinta aula trabalha-se a variação linguística presente nas músicas “Chico Mineiro” e “Beijinho Doce”, de Tônico e Tinoco que representam a região Centro-Oeste do Brasil.

<p>MÚSICA 1: CHICO MINEIRO</p>	<p>MÚSICA 2: BEIJINHO DOCE</p>
<p>Tônico e Tinoco</p>	<p>Tônico e Tinoco</p>
<p>Cada vez que me “alembro” Do amigo Chico Mineiro Das viagens que nós fazia Era ele meu companheiro</p> <p>Sinto uma tristeza Uma vontade de chorar Alembando daqueles tempos Que não mais há de voltar</p> <p>Apesar de eu ser patrão Eu tinha no coração O amigo Chico Mineiro Caboclo bom decidido Na viola era dolorido e era o peão dos boiadeiro</p> <p>Hoje porém com tristeza Recordando das proezas Da nossa viagem motim</p> <p>Viajemos mais de dez anos Vendendo boiada e comprando Por esse rincão sem fim</p> <p>Caboclo de nada temia Mas porém, chegou um dia Que Chico apartou-se de mim</p> <p>Fizemos a última viagem Foi lá pro sertão de Goiás Fui eu e o Chico Mineiro Também foi o capataz</p> <p>Viajamos muitos dias Pra chegar em Ouro Fino Aonde nós passamos a noite Numa festa do Divino</p> <p>A festa tava tão boa</p>	<p>Que beijinho doce Que ela tem Depois que beijei ela Nunca mais amei ninguém.</p> <p>Que beijinho doce Foi ela quem trouxe De longe pra mim Se abraça apertado Suspiro dobrado Que amor sem fim.</p> <p>Coração quem manda Quando a gente ama Se eu estou junto dela Sem dar um beijinho Coração reclama.</p> <p>Que beijinho doce Foi ela quem trouxe De longe pra mim Se abraça apertado Suspiro dobrado Que amor sem fim.</p> <p>Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/tonico-e-tinoco/89163/> Acesso em: 7 out. 2017.</p>

<p>Mas antes não tivesse ido O Chico foi baleado Por um homem desconhecido</p> <p>Larguei de comprar boiada Mataram meu cumpanheiro Acabou-se o som da viola Acabou-se o Chico Mineiro</p> <p>Depois daquela tragédia Fiquei mais aborrecido Não sabia da nossa amizade Porque nós dois era unido</p> <p>Quando vi seu documento Me cortou meu coração Vim saber que o Chico Mineiro Era meu legítimo irmão</p> <p>Disponível em: <https://www.letras.mus.br/tonico-e-tinoco/49083/> Acesso em: 7 out. 2017.</p>	
---	--

Na música “Chico Mineiro”, de Tonico e Tinoco, considerada como caipira e de raiz, há inserção de /a/ na palavra “lembro” (“alembro”), supressão da nasalidade do ditongo no final da palavra “viagem” (“viage”), apagamento do /S/ no final, além de alteração de vogais em “viajamos” (“viajemo”), “passamos” (“passemo”), companheiros (“cumpanheiro”) e ditongação em nós (“nóis”). A música “Beijinho Doce”, do mesmo cantor da anterior, também categorizada como caipira e de raiz, traz a forma “pra” cristalizada na fala e, muitas vezes, na escrita de muitos brasileiros.

Na sexta aula trabalha-se a variação linguística presente nas músicas “Saudosa Maloca”, de Adorinan Barbosa e “Inútil”, de Roger Moreira que representam a região Sudeste do Brasil:

<p>MÚSICA 1: SAUDOSA MALOCA</p> <p>Adorinan Barbosa (Cantada por Demônios da Garoa)</p> <p>Se o sinhô não tá lembrado Dá licença de contar Aqui onde agora está Este ardificio arto Era uma casa velha Um palacete assobradado Foi aí, seu moço, que eu, Mato Grosso fe o Joca</p>	<p>MÚSICA 2: INÚTIL</p> <p>Roger Moreira (Cantada por Ultraje a Rigor)</p> <p>A gente não sabemos Escolher presidente A gente não sabemos Tomar conta da gente A gente não sabemos Nem escovar os dente Tem gringo pensando Que nós é indigente...</p>
---	---

<p>Construímo nossa maloca Mas, um dia, nós nem pode se alembra Veio os home com as ferramenta O dono mandou derrubá Peguemo todas nossas coisa E fumo pro meio da rua Apreciá a demolição Que tristeza que nós sentia Cada taubua que caia Doia o coração Mato Grosso quis gritá Mas em cima eu falei Os home tá com a razão Nós arranja outro lugar Só se conformemo Quando o Joca falou “Deus dá o frio conforme o cobertô” E hoje nós pega as palha Na grama do jardim E pra isquece nós cantemo assim Saudosa maloca, maloca querida Dim dim dom de nós passemos dias feliz de nossa vida Saudosa maloca, maloca querida Dim dim dom de nós passemos dias feliz de nossa vida</p> <p>Disponível em: https://www.lettras.mus.br/demonios-da-garoa/45444/ Acesso em: 7 out. 2017.</p>	<p>“Inúteu”! A gente somos “inúteu”! “Inúteu”! A gente somos “inúteu”! A gente faz carro E não sabe guiar A gente faz trilho E não tem trem pra botar A gente faz filho E não consegue criar A gente pede grana E não consegue pagar...</p> <p>“Inúteu”! A gente somos “inúteu”! “Inúteu”! A gente somos “inúteu”! A gente faz música E não consegue cantar A gente escreve livro E não consegue publicar A gente escreve peça E não consegue encenar A gente joga bola E não consegue ganhar...</p> <p>Disponível em: https://www.lettras.mus.br/?q=in%C3%BAtil Acesso em: 7 out. 2017.</p>
---	--

Na música “Saudosa Maloca”, de Adorinan Barbosa, verifica o apagamento do /R/ nas palavras “sinhô”, “derrubá”, “apreciá”, “gritá”, “coberto” e “esquece”; do /S/ que é marca de plural nas palavras “construímo”, “peguemo”, “conformemo” e “cantemo”; o rotacismo fonético na palavra “arto”; a inserção de /i/ na palavra “nóis”; e a troca do /e/ por /ar/ na palavra “ardifício”, contando a história dos três miseráveis “eu, Mato-Grosso e Joca” que viviam em um sobrado e, após a demolição deste, voltam para rua. A referida música denuncia à situação de marginalização e exclusão decorrentes do crescimento da capital paulista. Na música “Inútil”, de Roger Moreira e com vários desvios propositais de concordância em sua estrutura sintática, substitui “nós” por “agente”, apaga o /S/ na palavra “dente”, insere o

/i/ na palavra “nóis” e substitui o /l/ por /u/ na palavra “inúteu”, criticando o brasileiro que não sabe fazer nada.

Na sétima aula trabalha-se a variação linguística presente nas músicas “Querência Amada” e “É Disso que o Velho Gosta”, de Gaúcho da Fronteira que representam a região Sul do Brasil.

<p>MÚSICA 1: QUERÊNCIA AMADA</p>	<p>MÚSICA 2: É DISSO QUE O VELHO GOSTA</p>
<p>Gaúcho da Fronteira</p>	<p>Gaúcho da Fronteira</p>
<p>Quem quiser saber quem sou Olha para o céu azul e grita junto comigo Viva o Rio Grande do Sul</p>	<p>Eu sou um peão de estância Nascido lá no galpão E aprendi desde criança a honrar a [tradição]</p>
<p>O lenço me identifica Qual a minha procedência Da província de São Pedro Padroeiro da Querência</p>	<p>Meu pai era um gaúcho Que nunca conheceu luxo Mas viveu folgado enfim E quando alguém perguntava do que ele [mais gostava]</p>
<p>Ó meu Rio Grande De encantos mil Disposto a tudo pelo Brasil Querência amada, dos parrerais Da uva vem o vinho, do povo vem o [carinho]</p>	<p>O velho dizia assim Churrasco e bom chimarrão, fandango, [trago e mulher] É disso que o velho gosta é isso que o [velho quer (2X)]</p>
<p>Bondade nunca é demais Berço de Flores da Cunha e de Borges [de Medeiro] Terra de Getúlio Vargas, presidente [brasileiro]</p>	<p>E foi assim que aprendi A gostar do que é bom A tocar minha cordeona gritar sem sair [do tom]</p>
<p>Eu sou da mesma vertente Que Deus, saúde me mande Que eu possa ver muitos anos O céu azul do Rio Grande</p>	<p>Ser amigo dos amigos Nunca fugir do perigo meu velho pai me [ensinou] E eu que vivo a cantar Sempre aprendi a gostar do que o meu [velho gostou]</p>
<p>Te quero tanto, Torrão Gaúcho Morrer por ti, me dou o luxo Querência Amada, planície e serra Os braços que me puxa Da linda mulher gaúcha, beleza de minha [terra]</p>	<p>Churrasco e bom chimarrão, fandango, [trago e mulher] É disso que o velho gosta é isso que o [velho quer (2X)]</p>
<p>Meu coração é pequeno Por que Deus me fez assim? O Rio Grande, é bem maior Mas cabe dentro de mim Sou da geração mais nova</p>	<p>Sai da minha fazenda E me soltei pelo pago E hoje tenho uma prenda para me fazer [afago] E quando vier um piazinho para enfeitar [nosso ninho mais alegria vou ter] E se ele me perguntar do que se deve gostar</p>

<p>Poeta bem macho e guapo Nas minhas veias escorrem O sangue herói de Farrapo</p> <p>Deus é Gaúcho, de espora e mango Foi maragato ou foi chimango Querência amada, meu Céu de Anil Desse Rio Grande gigante,</p> <p>Mais uma estrela brilhante na bandeira [do Brasil (2x)]</p> <p>Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gaUCHO-da-fronteira/querencia-amada/> Acesso em: 7 out. 2017.</p>	<p>[como meu pai vou dizer: Churrasco e bom chimarrão, fandango, [trago e mulher É disso que o velho gosta é isso que o [velho quer</p> <p>Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gaUCHO-da-fronteira/647037/> Acesso em: 7 out. 2017.</p>
---	---

Na música “Querência Amada”, de Gaúcho da Fronteira, considerada por muitos como o hino e trajetória histórica do gaúcho, o que chama a atenção é o léxico, a saber: “Querência” (lugar onde nasceu ou muito amado), “Guapo” (rápido ou esperto), “Farrapo” (gaúcho que lutou na Revolução Farroupilha), “Mango” (chicote de couro cru), “Mangato” (de origem estrangeira com um lenço vermelho) e “Chimango” (do partido Republicano). A música “É Disso que o Velho Gosta”, do mesmo cantor da anterior, revela as peculiaridades da identidade, cultura e o léxico específico do gaúcho, a saber: “Estância” (residência), “Churrasco” (carne assada), “Chimarrão” (bebida quente com Erva-Mate), “Fandango” (Dança sapateada), “Trago” (dose pequena de bebida alcoólica), “Cordeona” (corda do violão) e “Piazinho” (menino pequeno).

Na análise linguística dos textos dessas músicas com os alunos, é possível abordar os seguintes temas: preconceito linguístico, diferenças fonéticas, diferenças lexicais, norma padrão, variantes linguísticas, conceito de “certo e errado” em uma perspectiva gramatical normativa.

Na oitava aula, o professor inicia perguntando aos alunos se eles conhecem alguma forma de representar e sistematizar as variações linguísticas de uma determinada localidade. Em seguida, ele apresenta cartas fonéticas (CHAVES & DORNELES, 2017) e lexicais (CARDOSO et al., 2014), explicando o que é um atlas linguístico, o que são cartas fonéticas e cartas lexicais, e faz a descrição detalhada das cartas que selecionou como exemplos. No tocante à atividade avaliativa, o professor pedirá duas atividades: a) a formação de grupos, que farão uma coletânea de músicas com textos contendo variação fonética ou lexical nas diferentes regiões do país. Os textos selecionados pelos alunos não poderão ser os que foram apresentados pelo professor. Feita a coletânea, os grupos a apresentarão para a turma efe-

tuando sua contextualização e destacando os elementos de variação fonética e lexical; b) os mesmos grupos elaborarão, de forma manual e simples, cartas fonéticas e lexicais, contemplando o vocabulário e a variação observados nos textos das músicas que eles apresentaram.

6. Considerações finais

No presente trabalho fazemos uma proposta de trabalho sobre a diversidade do português falado no Brasil por meio do gênero textual música e de cartas fonéticas e cartas lexicais constantes do *Atlas Fonético do Acre* (AFAC), em construção, e do *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO et al., 2014). A proposta não foi, ainda, testada em sala de aula, sendo o próximo passo sua aplicação, com vistas a aferir sua eficácia, verificar as lacunas e adicionar as melhorias que se fizerem necessárias para atingir os objetivos propostos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Atlas linguístico do Brasil* (ALiB). Londrina: Eduel, 2014.

CHAVES, Lindinalva Messias do Nascimento; DORNELES, Darlan Machado. *Atlas fonético do Acre* (AFAC). Rio Branco: CEDAC/UFAC, 2017.

JANOTTI JR, Jeder. Música popular massiva e gêneros musicais: produção e consumo da canção na mídia. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, vol. 3, n. 7, 2006.

PALHEIROS, Graça Boal; BOURSCHEIDT, Luís. A pedagogia musical ativa. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Orgs.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

SANTOS SOBRINHA, Cecília Souza; MESQUITA FILHO, Odilon Pinto de. A variação linguística no ensino de língua materna: o que o professor deve fazer na sala de aula? *Revista Anagrama – Revista científica interdisciplinar da graduação*, São Paulo, ano 4, n. 4, 2011.

SILVA, Jéssica Carneiro da; BORGES, Carla Luiza Carneiro. Da análise da música como gênero textual multimodal ao ensino de língua portuguesa. *Graduando*, Feira de Santana, vol. 4, n. 6, 2013.

TAVARES, Isis Moura; CIT, Simone. *Linguagem da música*. Curitiba: InterSaberes, 2013.